

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DOCLISBOA: O DOCUMENTÁRIO EM MARCHA - CONTURBADOS ANOS 30 NA AMÉRICA
DO NEW DEAL
27 e 28 de outubro de 2023

STRANGE VICTORY / 1948

um filme de Leo Hurwitz

Realização, argumento e montagem: Leo T. Hurwitz / **Comentário:** Saul Levitt, dito por Alfred Drake, Muriel Smith e Gary Merrill.

Produção: Target Films / **Cópia:** 16mm, preto e branco, com legendas eletrónicas em português, 72 minutos / Exibido pela primeira vez em Portugal no 10º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz (1981).

Aviso: a seguir à projecção em película de **Strange Victory**, é exibido, como extra, um epílogo, em DCP (6 minutos), retirado da versão final do filme pelo seu realizador, Leo Hurwitz.

Sessões apresentadas por Tom Hurwitz e Tanya Goldman

A entrada dos EUA na guerra em 41 é a primeira grande transformação a contribuir para a morte do cinema militante independente de que a *Frontier Films* é o polo principal. (Há mais duas, de carácter decisivo: o mccarthismo e a televisão). Enquanto movimento, este cinema directamente político termina com o fim dos anos 30, e só voltara a renascer na década de 60. **Strange Victory**, feito já depois da guerra e da morte da *Frontier*, é assim um prolongamento isolado dos princípios que animaram esse movimento numa época e num espaço de produção em que ele já não se faz sentir. Pela primeira vez o nome de Leo Hurwitz aparece completamente isolado no genérico à frente das palavras argumento, realização e montagem, sendo também óbvia a sua exclusiva responsabilidade na produção. Por outro lado, **Strange Victory** é, em relação à sua obra anterior, o fecho de um ciclo (o cinema fundamentalmente político dos anos 30) com alguns passos indicadores do trabalho futuro (longo discurso poético sobre as origens da vida, o *to be small* sobreposto ao plano comovente e comovido da deambulação da criança negra, a sequência dos berços).

Fecho dum ciclo, dizemos. É espantoso como, a posteriori, se torna evidente a mesma ideia de construção de filmes como **Heart of Spain** e **Native Land** (de que Hurwitz foi, respectivamente, co-produtor e realizador), que é afinal a prova dum trajecto coerente de Hurwitz mesmo já desde a fase "colectiva" da sua obra. Ainda aqui o tema principal (o racismo na América do pós-guerra, onde antes estavam as transfusões de

sangue e o sindicalismo americano) entra no filme por um demorado processo, em que começa por ser apenas um sintoma, e em que só é directa e fundamentalmente tratado quando a obra se aproxima do fim. Até lá, o que se trata é do pano de fundo algo indeterminado (a 2ª Guerra Mundial, a vitória americana, a vida no pós-guerra) que, como sempre, prepara o advento do tema e só nele vem a tomar um corpo definido.

O filme arranca assim com as imagens da guerra, e fá-lo brilhante e fulgurantemente. A um plano de mãos que "cavam" num corpo ferido sucede-se a imagem dum explosão (literal rebentamento do corpo), como que provindo do mais fundo do seu interior. A guerra é a memória (um dos temas permanentes de Hurwitz) e, ao longo de todo o filme é sistematicamente posta em oposição ao período que se lhe segue, numa das muitas oposições sistemáticas em que o filme se baseia. Mas as oposições não são apenas de sequência para sequência, ou de tema para tema: como antes, há uma vontade de estrutura dialéctica em que a emergência dum movimento nasce sempre do próprio seio do movimento contrário (o reverso sistemático das coisas). O nazismo destruído é mais adiante contraposto ao nazismo ressuscitado (um movimento nega o outro, ampliando-lhe o sentido no filme e na História), o germe do ódio racista é assinalado dentro do andamento consagrado à paz. Todas as zonas do filme que caminham numa direcção desembocam na direcção contrária. O movimento para trás (a memória) incorpora o movimento para a frente (o crescimento). O filme recusa-se a apenas discorrer, obriga-se a crescer. Ele tem de ser, para Hurwitz, a própria metáfora da nossa espécie: *our kind has a fury of growing*.

José Manuel Costa